



Simões, é loquaz ao discorrer sobre a necessidade e o quilate da reedição. Conduz o leitor à conjuntura política, social e econômica que animou o trabalho de pesquisa, um período de intensas transformações urbanísticas que adaptavam a cidade do Rio de Janeiro a um projeto de integração nacional, com peso na concepção urbanística racional e progressista. Simultaneamente, remontam o estado da arte das pesquisas sobre o urbano, deflagrando por um lado um certo ineditismo do investimento antropológico para produzir compreensões sobre o fenômeno urbano no Rio de Janeiro, e por outro a necessidade de aproximação dos conceitos e metodologias das Ciências Sociais ao campo da Arquitetura e do Urbanismo. A costura da conjuntura, de questões urbanísticas, antropológicas, sociológicas e políticas, mais do que ratificar a relevância do trabalho como um marco nas pesquisas do campo disciplinar da Antropologia Urbana, atualiza o conteúdo e endereça o livro como essencial à formação dos que se dedicam aos fenômenos urbanos, aos que produzem pesquisas nas cidades, aos que fazem pesquisas sobre as cidades e aos que nutrem algum interesse pelo Rio de Janeiro e a dinâmica e história dos seus bairros. Revela ainda que a quarta edição é lançada como uma espécie de acerto de contas, um ajuste moral, reparando equívocos das edições anteriores, cujas fichas catalográficas confundiam créditos institucionais com autorais, além de indexar o livro nas áreas de Renovação Urbana e Planejamento Urbano em vez de Antropologia Urbana.

Percorrendo os estímulos que deram origem ao trabalho, o Catumbi foi tomado como estudo de base, em virtude do diagnóstico do poder público de um modelo urbano obsoleto. Tomando como base relatórios técnicos de urbanistas nacionais e internacionais, a obsolescência fora racionalmente construída como problema e a renovação urbana, como solução. E para avaliar o que estava sendo proposto como renovação urbana, os pesquisadores tomaram a Selva de Pedra como comparativo, caso de controle, por ser um lugar cujas propostas urbanísticas modernas já haviam sido implantadas. Pondo em prática a tradição etnográfica, no trabalho de campo os pesquisadores produziram entrevistas, observação direta e participante, além de registros visuais (mapas, fotos, filmagens), tendo como objetivo iluminar mais do que a materialidade dos espaços, mais do que a transformação física. Tomaram como objetivo a busca dos efeitos das intervenções urbanas. Ousaram avançar com a análise para além do planejamento balizado pelos critérios técnico, urbanístico, administrativo e político. E o resultado do empenho dos pesquisadores foi fazer sobressair os usos dos espaços coletivos,

as pessoas, as relações, os valores, os ritmos, o cotidiano, esquadrinhando as consequências da intervenção urbana.

Na introdução, os pesquisadores apresentam o estudo, primeiramente marcando o objetivo de tratar das formas de apropriação de espaços de usos coletivos, para melhor compreender os processos de desenvolvimento da cidade a partir do bairro do Catumbi. Explicitam no investimento o cunho reflexivo, revendo e criticando o que estava sendo proposto, executado e defendido por planejadores e pelo poder público, e apostam na relativização das concepções e entendimentos sobre o espaço como um diapasão para uma leitura crítica da apropriação e usos dos espaços coletivos no bairro, avaliando os impactos das intervenções na área.

No capítulo intitulado “Primeiros contatos”, descrevendo a chegada a campo, os pesquisadores registram um momento liminar em que o bairro já havia sofrido com uma série de desapropriações e a Associação de Moradores atuava mobilizando a população para conter a derrubada de seus últimos quarteirões. E, ao explorar os limites do bairro, atentam para os efeitos das transformações urbanísticas na experiência e fala dos habitantes. Percebem que os informantes percorrem e descrevem o bairro lançando mão de uma memória, falando das estruturas que já não mais existiam. E tal fenômeno fora tomado pelos pesquisadores como uma espécie de “geografia fantástica”. Dando corpo ao capítulo, passam a etnografar as ruas, associando descrição densa e identificação de comportamentos.

Em “Os trabalhos e os dias”, os pesquisadores passam a estranhar o familiar, a explorar o que todos sabem, mas nem todos dão conta, compondo uma gramática do social, tornando o bairro, os hábitos e as sociabilidades inteligíveis. Para tal, investigam como os moradores do Catumbi classificam os espaços. E combinam um sistema de espaços, um sistema de valores e um sistema de atividades para criar contextos nos quais papéis podem ser desempenhados. Com efeito, chegam na diversidade do bairro e a exploram como princípio estrutural para as relações sociais.

No capítulo seguinte, exploram o “Caso de controle: a ‘Selva de Pedra’”. Sob a hipótese da diferença oposicional em relação aos processos de apropriação dos espaços de uso coletivo, pontuam que, o que era espontâneo no Catumbi, na Selva de Pedra era planejado. Descrevem a forma, os objetivos e os usos dos espaços na intervenção racionalizadora, apontando o objetivo social de produzir “condições razoáveis” no projeto que previa o adensamento de uma área com a construção de um conjunto de edifícios. Pro-

blematizam a ambivalência da “vida comunitária” na fala dos moradores, que negam a denominação “conjunto” para falar da “Selva de Pedra” e que recorrem à concepção estratégica da homogeneidade acionada por critérios de classe social, diluída em filtros como renda, instrução, lazer e/ou categoria profissional. E a homogeneidade da “vida comunitária” em um espaço “selecionado” revela questões problemáticas na desintegração do conjunto com o bairro, exposta pelos informantes da Selva de Pedra nas preocupações com a violência, segurança e privacidade. A desintegração, sintomatizada em acusações e suspeitas, chega a produzir, alimentar e direcionar um estigma aos habitantes do conjunto vizinho, a Cruzada São Sebastião<sup>2</sup>, abordada na dualidade pobres e ricos, seguindo o foco nos usos dos espaços comuns, dos logradouros públicos.

Na “Conclusão: rua ou ‘Selva de Pedra’?”, as modalidades de apropriação dos espaços de uso comum são postas lado a lado, o Catumbi como “o mundo da rua” e o caso de controle como “Selva de Pedra”, para estabelecer conclusões gerais que desmistificam a cidade funcional. Antes da condenação completa de um modelo ou outro, a pesquisa abre caminho para um dilema acionado pela oposição entre a tradição e a modernidade. E se desvencilha de uma formulação simplista e maniqueísta, ou de uma sentença conclusiva, ao exaltar o complexo e o diverso e a união da forma e da essência dos espaços correspondentes aos sentidos conferidos pela sociedade e pela cultura.

Sem esquiva, a pesquisa reverbera como uma crítica ao planejamento que exaltava o racionalismo, assumia o utopismo, mas não raro menospreza as vivências, as tramas culturais, históricas e afetivas que tecem os sentidos do urbano. E, dando clareza à orientação crítica, na conclusão uma frase sintetiza o que pulsa em todo o trabalho: “O mundo das prá-

ticas cotidianas tem desafiado abertamente a paixão racionalista” (p.164).

O relatório é virtuoso do ponto de vista metodológico, incitando e valorizando abordagens qualitativas, densas, atentas à dimensão simbólica, com sólidas referências do fazer antropológico e abertura para o diálogo não hierárquico entre diferentes saberes, do científico ao popular. No detalhe que faz a diferença, o trabalho incorpora não apenas fotografias, como representação falaciosa do real, mas também desenhos e mapas, conferindo o devido crédito às subjetividades que atravessam a representação dos espaços.

Em acréscimo à robustez metodológica, é preciso destacar que se trata de um trabalho fecundo no que tange às possibilidades de compreensões acerca da atualização de práticas e discursos urbanísticos. Uma leitura providencial, cujo teor crítico se desdobra em questões complexas perpassando a conjuntura política e econômica e as práticas cotidianas, que, traduzido para termos atuais, diz respeito aos impactos das tendências globais no local.

Com o neoliberalismo informando as mudanças nos ritmos, relações, estruturas e funções das cidades, a quarta edição do *Quando a rua vira casa* chega ao público leitor com a pompa de um clássico. Um clássico não no sentido de algo velho, mas, sim, no sentido de algo pertinente em qualquer tempo. Guardadas as especificidades, ter em mãos uma abordagem qualitativa dos efeitos da modernização de um bairro da cidade do Rio de Janeiro favorece compreensões sobre os impactos das transformações das cidades que acatam as tendências globais. A renovação urbana de lugares justificada pela defasagem de um modelo urbano, apresentada como estímulo para a produção da pesquisa no Catumbi, ilumina na atualidade os disseminados projetos de revitalização como solução para áreas diagnosticadas como degradadas estrutural, social e economicamente. E até o acusado “pouco caso” do poder público com a cultura, história e vivências dos moradores dos locais que “carecem” de uma renovação urbana pode ser sugerido como que um ato de anuência para o que na atualidade se problematiza como gentrificação.

Ao passar a limpo a modernização da cidade que obedecia a uma gramática científica e progressista, o estudo de caso apresentado no livro registra um momento da cidade, exhibe um tipo de análise de Antropologia Urbana e fomenta a complexificação de questões relacionadas com a produção do urbano, que permanecem na ordem do dia, tornando-se uma leitura obrigatória e extremamente agradável, que inspira perspectivas do urbano em geral e do Rio de Janeiro em particular. ■

2 Conjunto Habitacional fundado por Dom Hélder Câmara, no ensejo do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, a partir da proposta de integrar os moradores de favela a padrões urbanos. No bairro do Leblon, dez prédios de sete andares foram construídos para receber as famílias despejadas da favela da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas. Soraya Silveira Simões produziu um vigoroso trabalho sobre a Cruzada São Sebastião que dialoga com o estudo da Selva de Pedra por recuperar as tensões que estimulam a desintegração do bairro e pela orientação etnográfica. No trabalho Soraya Simões foca na moradia e no cotidiano para analisar as implicações sociais, urbanísticas, políticas, econômicas e morais da inscrição de uma população egressa de assentamentos precários. SIMÕES, Soraya Silveira. *Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro*. Niterói: UFF/ ICHF/ PPGA, 2008.